

Metadados e a documentação em museus de artes

Fábio Rogério Batista Lima

Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília-SP.

Resumo

É através da documentação que tomamos conhecimento de quais os tipos de objetos o museu possui e sua localização. Ao mesmo tempo esclarece o porquê cada um dos objetos faz sentido na coleção. Nesse contexto, levanta-se a seguinte questão: quais instrumentos disponíveis para a descrição de obras de arte atenderia melhor museus de artes, tendo em vista a obra e sua representação nos ambientes informacionais digitais? Como objetivo geral, propôs-se apresentar o padrão de metadados VRA Core como sendo a melhor opção como instrumento de catalogação em museu de artes. Esta pesquisa, com abordagem qualitativa e de natureza teórica buscou objetivos descritivos e exploratórios e fez uso de procedimentos bibliográficos e documentais. Como resultado, o padrão de estrutura de metadados VRA Core foi projetado para ser utilizado tanto na descrição de obras de arte quanto nas reproduções dessas obras por meio da descrição de suas imagens (fotografias), ou seja, separando obras originais de suas reproduções. Dessa forma, conclui-se que o VRA Core seja o mais adequado para a documentação e a catalogação de obras em museus de artes, o que possibilita a representação digital de obras e coleções que estejam alinhadas com a infraestrutura de informação em redes, por meio dos catálogos online.

Palavras-chave: Metadados. Documentação. Museu de artes. VRA Core 4.0.

1 INTRODUÇÃO

Não é nova a discussão sobre “documentação” na área dos museus, como já destacaram vários autores da área, os quais, dizem ser tão antiga essa atividade quanto o próprio museu (Olcina, 1970). No entanto, em 1995 o Comitê Internacional de Documentação do ICOM lançou originalmente o *International Guidelines for Museum Object Information: the CIDOC Information Categories* com a proposta de orientar os profissionais a respeito de quais informações devem ser registradas quando há necessidade de se documentar um acervo, e como deve fazê-lo. No ano de 2012 lançou o *Statement of Principles of Museum Documentation* com a finalidade de apresentar os critérios básicos que fundamentam e reforçam a atividade de documentação em museus.

A documentação em museu¹ destina-se ao tratamento da informação, desde a entrada do objeto no museu até sua exposição. É através da documentação que tomamos conhecimento de quais os tipos de objetos o museu possui e sua localização. Ao mesmo tempo esclarece o porquê cada um dos objetos faz sentido na coleção. Neste sentido, a documentação em museu “[...] é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem – fotografia” (FERREZ 1994, p. 1).

A documentação faz parte de um dos aspectos da gestão dos museus, pois o museu é uma instituição complexa por concepção e gestão, que responde às mudanças culturais, políticas e sociais das comunidades onde se encontra (CRIPPA, 2010, p. 32). Neste processo, “estão envolvidas tarefas direcionadas à coleta, armazenamento, tratamento, organização, disseminação e recuperação da informação (YASSUDA, 2009, p.19).”

O registro e a representação de seus itens por meio da catalogação fazem parte dos processos da musealização. Taylor e Joudrey (2009) afirmam que o registro documental nos museus é um processo parecido com a catalogação em bibliotecas. No entanto, um aspecto da criação de registros para objetos de museu que se diferencia da criação de outros tipos de registros, como o registro de texto, por exemplo, “é que os campos pertinentes à descrição de objetos de museu dependem de fatores como o tipo de museu e da sua importância entre a investigação e a utilização pública” (ROBERTS, 2004, p. 36). Podemos considerar também neste processo o contexto histórico dos objetos, sua relação com outros objetos e mais recentemente questões voltadas para direitos autorais.

Os registros são criados para que conduzam a organização do catálogo e estabeleçam o controle para os aspectos organizacionais sobre todos os recursos informacionais da instituição. Contudo, a documentação em museu serve como um sistema de recuperação da informação, que transforma as coleções dos museus de fontes de informação em fontes de pesquisa, servindo para transmissão do conhecimento. Os métodos utilizados na documentação de objetos de museu ainda estão sendo estruturados, adaptando-se às tecnologias vigentes no mundo globalizado. Assim, esse trabalho tem como proposta a análise qualitativa de

¹ Qualquer papel e outros registros físicos e registros eletrônicos de informação relativos a um objeto ou coleção; o termo também é usado no processo da criação de registros relacionados com cada objeto de uma coleção (BOYLAN, 2004, p. 96).

instrumentos de representação para a catalogação de obras de arte que dê suporte a nova conjuntura tecnológica e informacional levando em conta o acesso e a socialização em rede. Nesse contexto, levanta-se a seguinte questão: quais instrumentos disponíveis para a descrição de obras de arte atenderia melhor museus de artes, tendo em vista a obra e sua representação nos ambientes informacionais digitais? Como objetivo geral, propôs-se apresentar o padrão de metadados VRA Core como sendo a melhor opção como instrumento de catalogação em museu de artes.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Metadados

Os ambientes digitais disponibilizam diariamente uma exponencial quantidade de recursos informacionais nos mais variados tipos de fontes. No entanto, essas informações, na maioria das vezes, estão sendo disponibilizadas de forma não estruturadas (LIMA; SANTAREM SEGUNDO, SANTOS, 2016). Este ambiente exige o desenvolvimento de uma infraestrutura de informação que assegure não só o acesso, como também a recuperação e o intercâmbio de informação (MÉNDEZ RODRÍGUEZ, 2002).

Os ambientes informacionais digitais despertaram certa preocupação por parte de agências internacionais responsáveis por normas e padrões de descrição, bem como de profissionais responsáveis pelo processamento da informação, no que diz respeito à busca e a recuperação da informação, criando a necessidade de esquemas cada vez mais sofisticados e precisos de representação documental para garantir o acesso à informação de forma eficiente (BAPTISTA 2007). Neste sentido, “os metadados têm um papel fundamental nessa infraestrutura, pois permitem às pessoas o exercício de determinadas tarefas em relação aos recursos de informação a que os metadados se referem [...]” (MILLER, 2004, p.1, tradução nossa) e se destinam a possibilitar a representação, o acesso e o intercâmbio entre sistema para fins de recuperação de recursos informacionais.

Os metadados são termos genéricos que abrangem uma ampla variedade de formatos, funções e domínios, criados e/ou capturados sob vários tipos de recursos informacionais. São essenciais para o entendimento do recurso armazenado, pois descrevem informações semânticas e sintáticas sobre o recurso, podendo ser comparados a um sistema de rotulagem, com o objetivo de mostrar como, quando e

por quem o recurso foi armazenado e como está formatado. E também, podem informar sobre autor, título, data, publicação, palavras-chave, descrição física, entre outros, nos mais variados tipos de recurso, como em arquivos de áudio, conjunto de dados científicos, imagem digital, catálogos de museu, livros, etc. (BERTOLETTI-DE-MARCHI; COSTA, 2004, p.3). No universo museológico podem trazer informações que permitem relacionar uma obra com a outra, trazer um contexto histórico da obra e até trazer informações da trajetória da obra – lugar por onde ela passou.

Para que existam programas que colem conteúdos em diversas fontes, troquem resultados relacionando-se com outros programas, bem como possibilitem o processamento adequado da informação, é necessário que as instituições, principalmente as que possuem algum “tipo de recursos que incluem imagens digitais estáticas, textos digitais, arquivos digitais de áudio e arquivos de imagem digitais em movimento (MILLER, 2004, p.6, tradução nossa)”, adiram a estruturas padronizadas de descrição do recurso informacional.

O termo padrão de metadados também chamado de ‘formatos de metadados’, são estruturas de descrição formadas por um conjunto pré-determinado e padronizado de metadados, com a função de tornar unívoca a representação de uma entidade para fins de acesso e recuperação.

A escolha de um padrão de metadados nem sempre é simples, pois depende de alguns fatores, como: procurar saber qual o tipo de usuário e suas necessidades informacionais; qual o tipo de política de desenvolvimento do acervo, neste caso acervos voltados a recursos visuais; quais os padrões que oferecem maior interoperabilidade entre sistemas. Embora cada padrão de metadados seja criado com base em um princípio específico ou domínio, há também padrões de metadados de caráter geral.

Os padrões de metadados são emitidos por agências de normas e outras organizações, como: *International Organization for Standardization (ISO)*, *The American National Standards Institute (ANSI)*, *the Dublin Core Metadata Initiative (DCMI)*, *the Library of Congress (LC)*, *the Getty Research*, *the Wide Web Consortium (W3C)*, entre outros.

Dentre o conjunto de fatores que possibilitam o compartilhamento e a interoperabilidade² entre sistemas informacionais, têm-se: **Padrões de conteúdo de dados** - regras utilizadas para direcionar o preenchimento de um campo de dados específico; **Padrões de estrutura de dados** – unidades de informações, também conhecidas como “elemento” ou “categorias”, organizadas em um registro por uma estrutura de dados; enquanto os **Padrões de valores de dados** são tesouros que fornecem termos pré-estabelecidos (MÉNDEZ RODRÍGUEZ, 2002; ZENG; QIN, 2008, tradução nossa, grifo dos autores).

Há também o **Formato de dados** - refere-se à codificação da informação para o formato *eXtensible Markup Language* (XML), hierarquicamente estruturado. Por último, o **Intercâmbio de dados** refere-se a um protocolo específico que garante a troca ou permuta entre registros, como, por exemplo, o *protocolo Open Archives Initiative for Metadata Harvesting* (OAI-PMH), conhecido padrão de troca de dados.

O *Cataloging Cultural Objects* (CCO)³ por exemplo, é um padrão de conteúdo de dados concebido para aqueles que trabalham com a descrição de obras de arte, arquitetura e artefatos culturais – fornece orientações significativas sobre como estruturar elementos de descrição para documentar a cultura material e, portanto, pode ser chamado de padrão de conteúdo de dados.

Dentre as tipologias de padrões de estrutura de dados para patrimônio culturais, como em museus, por exemplo, têm-se alguns exemplos: o *Categories for the Description of Works of Art* (CDWA), para obras de arte; o *Computer Interchange of Museum Information* (CIMI), para obras de arte e museus; o *The Visual Resources Association* (VRA Core), para recursos visuais e suas reproduções, etc. O quadro 1 mostra algumas tipologias de padrões de metadados no universo museológico.

Quadro 1: Tipologias de padrões de metadados

Tipologia dos padrões de metadados	Exemplos
Padrões de estrutura de dados	<ul style="list-style-type: none"> - <i>Categories for the Description of Works of Art</i> (CDWA); - <i>A Visual Resources Association</i> (VRA Core Categories)

² É a capacidade de múltiplos sistemas com diferentes *hardware* e plataformas de *software* estruturas de dados e interfaces intercambiarem dados com a mínima perda de conteúdo e funcionalidade (NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION, 2004).

³ CCO é um padrão de conteúdo de dados publicado em 2006, patrocinado pela VRA, e publicado pela American Library Association (ALA). O projeto foi, em grande parte, financiado pela Fundação Getty.

Padrões de valor de dados	- <i>Art & Architecture Thesaurus (AAT)</i> ; - <i>Union List of Artist Names (ULAN)</i>
Padrões de conteúdo de dados	- <i>Cataloging Cultural Objects (CCO)</i>
Padrões de formato de dados	- <i>VRA Core 4.0 XML schema</i>
Padrões de intercambio de dados	- <i>Open Archives Initiative (OAI-PMH)</i> ; - <i>Z39.50</i> .
Modelo de Referência Conceitual	- <i>Conceptual Reference Model (CIDOC CRM)</i>

Fonte: Adaptado de Elings e Waibel (2007)

A utilização de padrões de metadados como ferramenta do tratamento descritivo em coleções de museu facilita a troca de dados entre museus que utilizam o mesmo padrão, auxiliam a recuperação automática da informação e promovem a consistência nos bancos de dados, tornando mais fácil o compartilhamento de informações entre eles (LIMA; SANTAREM SEGUNDO, SANTOS, 2016). Tanto os padrões de conteúdos quanto os padrões externos, códigos e regras são determinantes não só para a padronização da sintaxe dos metadados, mas também para a padronização nos valores da representação (ZENG; QIN, 2008)

Há iniciativas de empresas que se preocupam em discutir soluções para a elaboração de padrões de metadados para objetos de arte, especificamente para o ambiente *Web*, como, por exemplo, *Canadian Heritage Information Network (CHIN)*⁴, que, com alguns museus do Canadá, trabalha na intenção de armazenar e apresentar o conteúdo digital dos acervos para o público. Dentre outras iniciativas, têm-se: o Projeto Europeana⁵ e o *Museum Initiative for Digital Information Interchange Standards (MIDIIS)*.

O Projeto Europeana foi criado em meados de 2005 com a finalidade de tornar acessível o patrimônio cultural da Europa por meio da criação de uma biblioteca virtual em cooperação com as bibliotecas nacionais e outros organismos culturais dos Estados-Membros. Ela reúne as principais associações de bibliotecas, arquivos, museus, arquivos audiovisuais e instituições culturais da Europa e está instalada na

⁴CHIN. Disponível em: <<http://www.chin.gc.ca/>>. Acesso em: 27 jul. 2016. O padrão CHIN é baseado no Dublin Core e inclui controle de vocabulário para projetos de aprendizagem.

⁵ Disponível em: <<https://ec.europa.eu/digital-single-market/en/europeana-european-digital-library-all>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

biblioteca nacional neerlandesa, a *Koninklijke Bibliotheek*, e já recebeu contribuições de mais de 2.200 organizações culturais de toda a Europa.

A troca de dados pelos membros se dá pela utilização do *Europeana Data Model – (EDM)*. O “*EDM* é um modelo de dados teórico que permite que os dados sejam apresentados de diferentes maneiras de acordo com as práticas dos vários domínios que contribuem para a Europeana” (EUROPEANA, 2014, não paginado, tradução nossa). Dessa forma, foi necessário um esquema de metadados cujos elementos são comuns a todas as comunidades de fornecedores de dados e que permite o mapeamento dos diversos conjuntos de dados para uma representação uniforme dos dados (ISAAC, 2012). Neste sentido, a adoção de elementos comuns de metadados de museus facilitaria a troca de informação entre os membros que utilizam o *Europeana Data Model – (EDM)*.

O *Museum Initiative for Digital Information Interchange Standards (MIDIIS)*⁶ busca, como uma de suas metas, entender o universo das informações de coleções museológicas. Para isso, procura saber quais são os tipos de informações que os museus utilizam na descrição e representação de suas coleções. A intenção é criar metadados para promover a interoperabilidade e a troca de informações entre os museus. O MIDIIS é apoiado pelo Consórcio para Intercâmbio de Informação de Museu (CIMI)⁷, e envolve o Dublin Core como formato de metadados.

O MIDIIS tem a preocupação de saber como os museus podem prover, efetivamente, o acesso às informações criadas por eles para representar as coleções mantidas em formato digital, como: informações sobre coleções, publicações, eventos, atividades educacionais e pessoas; também se preocupa com as diferentes formas estruturais dos museus, a fim de testar a linguagem de marcação XML (*eXtensible Markup Language*), como sintaxe para representar a identificação semântica das informações e desenvolver uma DTD (*Document Type Definition*) para representar diferentes tipos de informações.

Com o surgimento da representação de objetos digitais nas coleções digitais disponibilizadas *on-line*, mudou o cenário museológico. Assim, foi “a partir do trabalho de autores, como Alma S. Wittlin, Francis Henry Taylor [...], além do impulso dado pela formação da *Museum Documentation Association*⁸, que se desenhou um campo de

⁶ Disponível em: <<http://www.cimi.org>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

⁷ Disponível em: <<http://www.cimi.org>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

⁸ Disponível em: <<http://www.museumsassociation.org/home>>. Acesso em: 27 jul. 2016

estudos em torno da documentação em museu” (ARAÚJO, 2014, p.80-81). Atualmente, os museus têm interesse maior pela padronização e compartilhamento de metadados, além de mostrar a importância da atualização quanto à forma de registrar suas informações em rede.

Existem alguns tipos de padrões de metadados que foram desenvolvidos para trabalhar especificamente com patrimônios culturais, como obras de arte, arquitetura e imagens dessas obras, por exemplo: *Categories for the Description of Works of Art* - CDWA - e o *The Visual Resources Association* - VRA Core. Esses padrões se propõem a assegurar o registro de informações importantes, auxiliar a recuperação automática de informação, promover a consistência entre bancos de dados e facilitar a migração de dados para sistemas novos.

O *Categories for the Description of Works of Art* - CDWA (Categorias para a Descrição de Obras de Arte) – é um padrão de metadados destinado a descrever obras de arte, arquitetura, grupos de objetos, dentre outras variedades de recursos visuais. Foi criado no ano de 1990, produto da *Art Information Task Force* - AITF, que propiciou o diálogo entre historiadores de arte, profissionais de informação artística e gestores de informações, como: bibliotecários de arte, curadores, museólogos, profissionais de recursos visuais, etc., para que juntos pudessem desenvolver diretrizes para descrição de obras de arte. O trabalho da IATF foi financiado pela Fundação *J. Paul Getty*, com uma bolsa de correspondência de dois anos a partir da *National Endowment for the Humanities (NEH)* para o *College Art Association (CAA)*.

A *Visual Resources Association* - VRA Core⁹ (Associação de Recursos Visuais) – é uma organização internacional destinada a profissionais que trabalham com instituições museológicas ou que lidam com objetos de arte e patrimônios culturais. Criada no ano de 1982 por bibliotecários membros do *College Art Association (CAA)*, *the South Eastern Art Conference (SECAC)*, *the Art Libraries Society of North America (ARLIS/NA)* e do *Mid-America College Art Association (MACAA)*, a VRA preocupa-se com a formação de profissionais de recursos visuais e desenvolve normas para o trabalho com obras de artes.

O padrão de estrutura de metadados VRA Core foi projetado para ser utilizado tanto na descrição de obras de arte quanto nas reproduções dessas obras por meio

⁹ Disponível em: <<http://vraweb.org/>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

da descrição de suas imagens (fotografias), ou seja, separando obras originais de suas reproduções. Além disso, este padrão viabiliza os relacionamentos entre outros registros que tratam da mesma obra, como, por exemplo: “[...] tem-se uma pintura original (obra de arte); dessa pintura, produziu-se um slide (reprodução fotográfica); e, por fim, uma imagem digitalizada a partir do slide” (FERREIRA; SANTOS, 2013, p. 4).

O VRA Core coloca à disposição três diferentes tipos de descrição, chamadas de entidades primárias: Obra (**Work**), Imagem (**Image**) e Coleção (**Collection**). Rose (2006, não paginado) define

Work (Obra) como “entidade única, um objeto ou um evento”. São exemplos: pintura, escultura, fotografia, edifício, objetos, performances, etc. As Obras podem ser simples ou complexas. *Image* (Imagem) é “a representação visual de uma Obra em sua totalidade, ou em partes”. A representação serve para fornecer acesso à Obra, quando a Obra em si não pode ser experimentada em primeira mão, ou seja, quando não se tem acesso à Obra original. As coleções de imagens são tipicamente encontradas na forma de slides, fotografais e/ou arquivos digitais. Neste caso, *Collection* (Coleções) são definidas como “um conjunto de Obras ou registros de imagens”.

O VRA Core possui algumas versões: o VRA 1.0 (1996), baseado no CDWA; o VRA 2.0 (1996), que identificou a necessidade de padrões de conteúdos, baseado no CCO; o VRA 3.0 (2000), que possui os esquemas de metadados semelhantes ao esquema estrutural do *Dublin Core* [...] (VERGES, 2009). O VRA 3.0 *Record Type* pode conter um dos dois valores, *work* ou *image*, dessa forma, o registro de metadados representa uma obra ou uma imagem da obra. Embora esta distinção não faça tanto sentido em um contexto fora do museu, pode fornecer uma maneira clara de se distinguir um objeto de arte que faz parte de um museu, de uma imagem documental que o objeto de arte retrata.

O VRA Core 3.0 possui 17 esquemas de elementos, tecnicamente chamados de *Categories*. A versão do padrão VRA Core 4.0 é a mais atual e inclui o uso dos elementos e subelementos dos atributos sintáticos do XML a fim de apoiar a interoperabilidade e troca de registros. Essa característica reitera a utilização dessa versão “[...] como um padrão a ser seguido, pois ela permite que os dados codificados possam ser compartilhados entre diferentes softwares” (FERREIRA; SANTOS, 2013, p. 10).

Essa versão possui 19 elementos essenciais, sendo o primeiro uma forma de invólucro, ou recipiente, utilizado para conter os outros 18 elementos. Alguns elementos possuem subelementos e atributos, e todos os elementos são opcionais e

repetíveis, exceto para *Work*, *Collection*, ou *Image*, para os quais são necessários e não repetíveis.

O Quadro 2 , apresenta todos os elementos que compõem o VRA Core 4.0.

Quadro 2: Elementos do VRA Core 4.0

Agente <Agent>	Indivíduo, grupo ou pessoa jurídica que tenha contribuído para a concepção, criação, produção ou fabricação da Obra ou Imagem
Contexto Cultural <Cultural Context>	Contexto cultural no qual a Obra, Coleção ou Imagem está associada
Data <Date>	Datas associadas à criação, produção, apresentação, etc., da Obra ou Imagem
Descrição <Description>	Texto livre sobre a Obra, Coleção ou Imagem, incluindo comentários, descrição ou interpretação que forneça informações adicionais não registradas em outras categorias
Inscrição <Inscription>	Todas as marcas ou palavras escritas, associadas à Obra no momento de sua produção ou posteriormente
Localização <Location>	Localização geográfica e/ou nome de um repositório, construção, site ou outra entidade que armazena a Obra ou Imagem
Materiais <Material>	Material que compõe a Obra ou Imagem
Medidas/Dimensão <Measurements>	Tamanho físico, forma, escala, dimensões ou formato da Obra ou Imagem
Relação <Relation>	Termos ou frases que descrevem a Obra relacionada, e as relações entre o trabalho que está sendo descrito e suas reproduções (imagens)
Diretos Autorais <Rights>	Informações sobre o status do direito autoral e dos detentores dos direitos da Obra, Coleção ou Imagem
Fonte <Source>	Referência para a fonte das informações gravadas sobre a Obra ou Imagem
Estado da edição <State edition>	Número de identificação e/ou nome atribuído ao Estado ou edição de uma Obra que existe em mais de uma forma
Estado de Edição <StateEdition>	Número de identificação e/ou nome atribuído ao Estado ou edição de uma Obra que existe em mais de uma forma
Estilo do período <StylePeriod>	Estilo da Obra, período histórico, grupo, escola, dinastia, etc., cujas características estão representadas na Obra ou Imagem
Assunto <Subject>	Termos ou frases que descrevem, identificam ou interpretam a Obra ou Imagem
Técnica <Technique>	Processos de produção ou de fabricação
Referência <TextRef>	Referência textual relacionada a qualquer tipo de identificador único que o texto atribui a um trabalho ou coleção, independente de qualquer repositório

Título <Title>	Título, identificação ou frase dada para a Obra ou Imagem
Tipo de trabalho <Worktype>	Identifica o tipo específico de Obra, Imagem ou Coleção que está sendo descrito no registro

Fonte: (Adaptado de VISUAL RESOURCES ASSOCIATION, 2007)

O VRA Core 4.0 recomenda que os IDs de *Work*, por exemplo, sejam “w”; de *Image* sejam “i” e de *Collection* sejam “c”. Assim, tem-se um invólucro que contém todos os outros elementos em registros individuais, por exemplo: <image id = “i_002874”>. Os elementos genéricos são chamados de *Work*, *Collection* ou *Image*, conforme Quadro 3.

Quadro 3: IDs VRA Core para Work, Collection ou Image

VRA Core Element	XML Element	XML attribute	Data Example
WORK	<i>work</i>	Id	w_ 98754321
		Refid	000347
		Source	History of Art Visual Resources Collection, UCB
COLLECTION	<i>collection</i>	Id	c_ 876543210
		Refid	BANC MSS 67/125z
		Source	Bancroft Library, UCB
IMAGE	<i>image</i>	Id	i_ 765432109
		Refid	388438
		Source	History of Art Visual Resources Collection, UCB

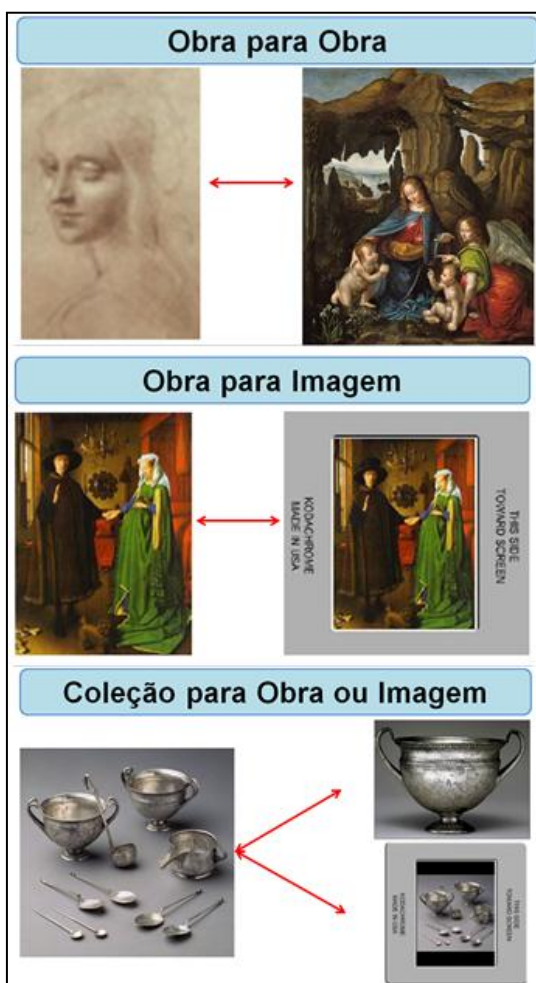
Fonte: Ekland (2007).

O conjunto de elementos da versão VRA Core 4.0 fornece uma organização de categorias para a descrição da obra, da imagem que representa a obra, bem como da coleção que faz parte da obra. Ou seja, três entidades: Obra, Imagem, Coleção, que permitem construir relações de registros (VERGES, 2009).

O registro da obra pode ser associado a uma ou mais imagens por meio do elemento relação. Da mesma forma, uma única imagem pode se relacionar a uma ou mais obras, quando, por exemplo, uma imagem de documentário é tomada de uma exposição e essa imagem retrata várias obras. Um registro de coleção pode ser usado para agregar trabalhos múltiplos ou vários registros de imagem.

As relações que podem ser estabelecidas entre esses três tipos de registros são: Obra para Obra, Obra para Imagem, e Coleção para Obra ou Imagem (FERREIRA; SANTOS, 2013).

Figura 1: Registro de relacionamentos VRA core 4.0



Fonte: Verges (2009).

Considera-se o padrão de estrutura de metadados VRA Core 4.0 como o mais adequado para a descrição de objeto de museu de arte pelo fato de oferecer o mesmo elemento para a descrição de uma Obra, uma Imagem ou uma Coleção, além de permitir o relacionamento desses planos através do elemento “Relação”, “[...] criando-se assim um modelo de entidade-relacionamento (E-R), conforme proposto pelo *Functional Requirements for Bibliographic Records*” (FRBR) (FERREIRA; SANTOS, 2013, p. 14).

A decisão quanto aos níveis de descrição da Obra, Imagem ou da Coleção dependerá do profissional responsável pela catalogação, seja ele um catalogador ou museólogo no momento da catalogação, no entanto existem elementos mínimos para a criação do registro para tornar possível a recuperação da informação.

Por exemplo: “um registro reduzido de uma Obra de Arte inclui: *Work Type*, *Title*, *Agent*, *Location* e *Date*; já o registro reduzido da Imagem inclui: *Work Type*, *Title*

e *Relation*” (FERREIRA; SANTOS, 2013, p. 11). Neste sentido, os elementos essenciais no registro precisam necessariamente responder a informações básicas sobre a Obra, como consta no Quadro 4.

Quadro 4: Elementos mínimos para descrição de registro VRA Core 4.0

TIPO DE TRABALHO <Worktype> (O quê)
TÍTULO <Title> (O quê)
AGENTE <Agent> (Quem)
LOCALIZAÇÃO <Location> (Onde)
DATA <Date> (Quando)

Fonte: (VISUAL RESOURCES ASSOCIATION, 2007)

O padrão VRA Core 4.0 possibilita que somente um recurso seja descrito dentro de um único conjunto de metadados e faz uma nítida distinção entre a obra e a imagem representada dessa obra. Prevê, também, que o conjunto descritivo de metadados dos registros possa ser criado para cada uma delas e linkado dentro de uma base de dados local. Dessa forma, além do padrão possibilitar a individualidade da obra através do registro de suas características explícitas, possibilita também a inserção de informações de caráter semântico no elemento 'Descrição', como por exemplo: a indicação da importância da obra para a consagração do artista, no que foi inspirado a obra bem como qual o seu contexto histórico. O padrão possibilita também correlacionar essas informações com informações específicas do registro da imagem a exemplo dos elementos Relação e Fonte. Neste caso, uma obra pode ser relacionada, por exemplo, a um determinado arquivo, exposição, material fotográfico, autores e até as fichas de proprietários.

O quadro 5 ilustra a descrição da obra do pintor renascentista Rafael, feita entre 1508 -1511. A obra retrata uma grande reunião de personagens famosos, sobretudo filósofos da antiguidade. Talvez uma alusão à Academia Platônica. Esta obra recebeu o nome de "Academia de Atenas"; pode-se ver na obra vários filósofos e pensadores. Há duas figuras centrais que retratam Platão e Aristóteles. Do lado esquerdo de quem olha a imagem há a figura de Platão metaforicamente com o rosto de Leonardo da Vinci. Platão aponta para o céu e na mão esquerda carrega um livro o 'Timeu'. Nesta obra ele defende o idealismo, ou seja, a preponderância da alma ou do espírito sobre a

materia, o que convencionou-se chamar de intelectualismo ou racionalismo. Já Aristóteles está apontando para baixo (terra) enquanto que na mão esquerda carrega a 'Ética a Nicômaco'. O gesto da figura de Aristóteles é sugestivo de que ele defende o materialismo, já denotando a ideia de empirismo ou preponderância da matéria sobre o espírito. Então essa obra exemplifica a disputa que vem desde a antiguidade de "quem está com a verdade das coisas".

São informações importantes, inclusive do ponto de vista educativo que, se somada aos elementos de metadados tornaria a obra ainda mais completa, pois traria não só características sintáticas da imagem, mas também elementos contextuais, históricos, semióticos que ajudariam no entendimento da própria obra.

Quadro 5: Registro com metadados da obra do pintor Renascentista Rafael

		
Agente	Rafael (pintor italiano, 1483-1520); Anton Raphael Mengs (pintor alemão, 1728-1779); Hugh Smithson Percy, 1º duque de Northumberland (patrono britânico, 1712-1786)	
Contexto Cultural	Italiano; britânico	
Data	1508 - 1511 (criação)	
Descrição	A filosofia é uma série de cinco cópias de afrescos italianos famosos encomendados a Mengs e outros artistas pelo Earl of Northumberland para pendurar na longa galeria em Northumberland House (para os outros quatro, veja CM Kauffmann, Catálogo de Pinturas Estrangeiras, vol. I, London, 1973, pp. 189-90). Quando a casa de Northumberland foi demolida em 1874, a pintura foi movida e eventualmente doada para o V & A em 1926. O afresco de Filosofia de Raphael, conhecido como Escola de Atenas, foi confeccionado entre 1508-1511 e preenche uma lunette na Stanza della Segnatura nos apartamentos papais no Vaticano. Para adaptar esta enorme pintura a um formato retangular sem diminuir o tamanho das figuras, Mengs	

	truncou e comprimiu os elementos arquitetônicos e as formas escultóricas no topo, ao inserir figuras adicionais ao lado. Mengs inseriu um rodapé com sua assinatura, o título e a data, ao reposicionar os relevos pintados para atender a essa adição ao inserir figuras adicionais ao lado. V & A (Victoria and Albert Museum) [site]; http://www.vam.ac.uk (acessado 12/10/2013) [descrição fonte]
Inscrição	Inscrito: PHILOSPH.OPVS RAPHAELIS EX. AUTOGRAPHO PINX. RAPH. MENG.S.MD CCLV
Localização	Victoria and Albert Museum (Londres, Inglaterra, Reino Unido) P.36-1926 [repositório] Dado pelo duque de Northumberland, 1926 [nota de localização]
Materiais	pintura a óleo sobre tela
Medidas/Dimensão	425 cm (altura) x 840 cm (largura)
Relação	copyAfter School of Athens [banco de dados de amostra do núcleo 4, refid = "38" relids = "w_39"]
Diretos Autorais	
Fonte	Banco de Dados de Amostras do Núcleo 4 (VCat)
Estado de Edição	
Estilo do período	Século dezoito; Renascimento.
Assunto	Alegórico; histórico; retratos; científico ou médico; Educação clássica; Humanismo; Raphael
Técnica	pintura a óleo (técnica)
Referência	
Título	Escola de Atenas
Tipo de trabalho	cópias (objetos derivados); reproduções; réplicas; pinturas (trabalhos visuais); pinturas a óleo (trabalhos visuais)

Fonte: http://core.vraweb.org/examples/html/example038_full.html

O quadro 6 demonstra a descrição da imagem, referenciando suas características particulares principalmente no que diz respeito a fontes informacionais no meio digital e sua correlação com banco de dados.

Quadro 6: Registro com metadados da Imagem do pintor Renascentista Rafael

Agente	
Contexto Cultural	
Data	
Descrição	
Inscrição	
Localização	
Materiais	
Medidas/Dimensão	18 MB
Relação	[imagem de 38, banco de dados de exemplo Core 4 (VCat)]
Diretos Autorais	Indeterminado

Fonte	Comitê de Padrões de Dados VRA, Documentos de Amostras do Core4 http://www.core.vraweb.org/examples/html/example038_full.html [href]V & A (Victoria and Albert Museum) [website]; http://www.vam.ac.uk [fonte da imagem]
Estado de Edição	
Estilo do período	
Assunto	
Técnica	
Referência	
Título	Escola de Atenas (quadro não original)
Tipo de trabalho	Imagem digital

Fonte: http://core.vraweb.org/examples/html/example038_full.html

O guia utilizado por esses padrões para descrever o conteúdo das obras e suas imagens é o *Cataloging Cultural Objects* – (CCO)¹⁰. São utilizados também padrões de valores como: *Art & Architecture Thesaurus* (AAT), *Union List of Artist Names* (ULAN), entre outros. Ambos fazem parte do *Getty Foundation* e estão disponibilizados no site¹¹.

No panorama brasileiro, um dos fatores que impedem a utilização de padrões de metadados nos museus de arte é o fato de que a maioria dos padrões existentes, que estão em estágios avançados em países mais desenvolvidos, não está traduzida para a língua portuguesa. Ou seja, há uma barreira de linguagem, além da baixa qualidade dos processos de informatização nos museus do Brasil, em virtude da ausência de padrões estabelecidos e baixos índices de duração dos mesmos, que não superam os dois anos de utilização, até serem substituídos por um novo projeto (BEVILACQUA, 2014).

Como se afirmou anteriormente, há algumas iniciativas para acervos museológicos, como, por exemplo, o CHIN, MIDIIS e a Europeana, mas no Brasil, as atividades estão em estágios iniciais. A “área museológica, por não ter padrões de descrição consolidados internacionalmente, tem apresentado soluções particulares de sistemas de gestão de acervos” (MARCONDES, 2013, p.130).

O museu é uma das únicas instituições que têm os três acervos (bibliográfico, arquivístico e museológico) convivendo e disponíveis no mesmo espaço. Dessa forma, os museus constituem um espaço muito interessante, que sempre apresenta

¹⁰CCO é um padrão de conteúdo de dados publicado em 2006, patrocinado pela VRA, e publicado pela American Library Association (ALA). O projeto foi, em grande parte, financiado pela Fundação Getty.

¹¹Disponível em: <<http://www.getty.edu/research/tools/vocabularies/ulan/index.html>>. Acesso em: 27 jul. 2016.

uma demanda de integração de sistemas e recuperação da informação. No entanto, por diversos motivos, em especial “pelo desenvolvimento independente desses sistemas, pelos diferentes padrões de descrição e representação de objetos nas áreas arquivística, bibliográfica e museológica, estes sistemas hoje ainda não são interoperáveis” (MARCONDES, 2013, p.11).

Outro problema também relacionado aos anteriores é a ausência de fornecedores qualificados. Talvez na Europa já exista um mercado com empresas fornecendo *softwares* para a gestão de acervos museológicos. No Brasil, a maioria dos *softwares* foi adaptada de biblioteca para museus.

Segundo Marcondes (2013, p.12),

A evolução histórica do desenvolvimento e amadurecimento dos padrões de descrição de informações em arquivos, bibliotecas e museus se deu em momentos distintos. O AACR2 – Código de Catalogação Anglo Americano 2ª edição – e os experimentos com o padrão MARC de catalogação bibliográfica remontam à década de 60. A norma geral de descrição arquivística ISAD (G) foi adotada pelo Conselho Internacional de Arquivos na década de 90. A área museológica não tem um padrão de descrição, mas sim um modelo de referencia, o CIDOC-CRM. Enquanto que o MARC é um padrão de fato para intercâmbio de dados bibliográficos, a norma ISAD(G) e o modelo CIDOC-CRM são diretrizes ou recomendações gerais.

Nota-se, entretanto, ações ainda que tímidas de opções do uso de padrões baseados no *International Guidelines for Museum Object Information: the CIDOC Information Categories* e no SPECTRUM¹². Importante é destacar que existem esquemas e padrões de estrutura de dados específicos, como mencionado anteriormente, para a descrição de objetos culturais, como o CDWA, o CCO, entre outros. O destaque, entretanto, é para iniciativas que buscam a interoperabilidade.

Considerações finais

A documentação é fundamental no processo de comunicação e de educação de uma instituição museológica. É portanto, uma função norteadora nas etapas do fazer museológico, na gestão e no controle de seus acervos.

¹² O SPECTRUM é um manual de conduta para a gestão de processo de registro de informação museológicas a qual garante, por exemplo, como fazer uso de imagem em um sistema; ver a questão de direitos autorais descrever informações no sistema de forma padronizada, etc.

Atualmente, pelo fato de grande parte dos recursos informacionais estarem passando por processo de digitalização, transformando-se em linguagem computacional, há possibilidade de disponibilização de acervos de obras pela internet por meio de catálogos online. Assim, a importância de encontrar instrumentos adequados que possam maximizar o processo de comunicação entre o acervo e o público. Nesse contexto, concluímos ser o VRA Core 4.0 o mais adequado, pois ele permite descrição detalhada dos itens, possibilitando uma melhoria na recuperação da informação, consistência na descrição de dados, facilitando o intercâmbio de dados, permitindo a explicitação das relações entre obras e coleções, obra e artista, obra e diversos tipos de fontes de informação, obra e contexto cultural e ainda permitir que os dados sejam cruzados com outros dados de outras obras facilitando inclusive o acesso ubíquo.

REFERENCIAS

BAPTISTA, D. M. O impacto dos metadados na representação descritiva. Florianópolis, **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v.12, n.2, p. 177-190, jul./dez., 2007. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/529/663>>. Acesso em: 20 Jan. 2016

BERTOLETTI-DE-MARCHI, A. C., COSTA, A. C. R. Uma proposta de padrão de etadados para objetos de aprendizagem de museus de ciências e tecnologia. **Novas Tecnologias na Educação**, Porto Alegre, v. 2, nº 1, 2004. Disponível em: <http://www.cinted.ufrgs.br/ciclo3/af/02-umaproposta.pdf>. Acesso em: 07 out. 2016.

BEVILACQUA, G. M. F. Museu como serviço de informação. In: SEMINÁRIO SERVIÇO DE INFORMAÇÃO EM INSTITUIÇÕES CULTURAIS: em busca de conceitos, métodos e políticas de preservação, 2., 2014, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2014. p. 11-17.

CRIPPA, G. A faceta humanística da Ciência da Informação: ordem e memória do/no museu. In: SEMINÁRIO SERVIÇO DE INFORMAÇÃO EM MUSEU, 1., 2010, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Pinacoteca do Estado de São Paulo, 2010. p. 23-41

EKLAND, J. **What is the VRA Core?** 2007. Disponível em: <<http://core.vraweb.org/>>. Acesso em: 19 dez. 2016.

EUROPEANA. **Europeana data model: mapping guidelines**. v. 2, n. 2. Disponível em: <http://pro.europeana.eu/files/Europeana_Professional/Share_your_data/Technical_requirements/EDM_Documentation/EDM_Mapping_Guidelines_.v2.2.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2015.

FERREIRA, S. L.; SANTOS, M. Elementos da descrição de imagens de arte em ambiente eletrônico: considerações sobre o padrão VRA Core 4.0. In: IX EIC - Encontro Internacional de Catalogadores e II ENACAT - Encontro Nacional de Catalogadores: Catalogação: do real ao virtual, 9; 2.; 2013, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: p.1-17. Disponível em: <<http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/eic-enacat/eic-enacat/paper/viewFile/57/20>>. Acesso em 13 nov. 2016.

FERREZ, H. D. Documentação museológica: teoria para uma boa prática. **Cadernos de ensaios**, n. 2, 1994. p. 64-73. Disponível em: <http://www.nucleodepesquisadosex-votos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/ferrez_h_d._documentao_museologica._teoria_para_uma_boa_prtica.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.

ISAAC, A.; CLAYPHAN, R.; HASLHOFER, B. - Europeana: moving to Linked Open Data. **ISQ Information Standards Quarterly**. Baltimore, v. 42, n. 2/3, 2012. Disponível em: http://www.niso.org/apps/group_public/download.php/9407/IP_Isaac-et-al_Europeana_isqv24no2-3.pdf. Acesso em: 06 Jul. 2015.

LIMA, F. R. B.; SANTOS, P. L. V. da C.; SANTARÉM SEGUNDO, J. E. Padrão de metadados no domínio museológico. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 21, n. 3, p. 50-69, jul/set. 2016. Disponível em: <<http://biblioteca.pinacoteca.org.br:9090/publicacoes/index.php/sim/article/view/99>>. Visualizado em 19 set 2018.

MARCONDES, C. H. Interligando acervos digitais na web em arquivos, bibliotecas e museus. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL ARQUIVOS DE MUSEUS E PESQUISA: humanidades e interfaces digitais, 3., 2013, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Grupo de Trabalho Arquivo de Museus e Pesquisas, 2013. p. 9-30.

MÉNDEZ RODRÍGUES, E. **Metadados y recuperación de información: estándares, problemas y aplicabilidade em bibliotecas digitales**. Gijón: Trea, 2002.

MILLER, S. J. **Metadata for digital collection: a how-to-do-it manual**. New York; London: Neal-Schuman Publishers, Inc., 2004.

OLCINA, P. The UNESCO-ICOM Centre: documentation in the servisse of the museologist. **Museum**, Paris, v. 23, n.1, p.61-62, 1970.

ROBERTS, A. Inventário e documentação. In: CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. **Como gerir um museu: manual prático**. França: ICOM, 2004. p. 33- 54. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184713por.pdf>>. Acesso em: 25 ago. 2016.

ROSE, T. **Cataloging in VRA Core 4.0 & CCO**. 2006. Disponível em: <http://core.vraweb.org/pdfs/OLACpowerpt5_07.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2016.

VERGES, J. **VRA Core 4.0 na introduction**. Boston, MA, 2009. Disponível em: <<http://core.vraweb.org/pdfs/VRACore4SEI2009deVerges.pdf> >. Acesso em: 21 Jun. 2016.

VISUAL RESOURCES ASSOCIATION. **VRA Core 4.0 element description**. 2007. Disponível em: <http://www.loc.gov/standards/vracore/VRA_Core_Element_Description.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2016.

YASSUDA, S. N. **Documentação museológica** : uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. 2009. 180 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/yassuda_sn_me_mar.pdf. Acesso em: 08 jun. 2016.

ZENG, M. L.; QIN, J. **Metadata**. New York: Neal-Schuman Publishers, 2008.